

Paul Singer: Rosa Luxemburgo, uma discípula de Marx que ousava criticar Marx

Entrevista por Isabel Loureiro, Marcos Barbosa de Oliveira, Danilo César e Nicolau Bruno, 2008*

Isabel Loureiro – Nossa primeira pergunta é sobre a recepção de Rosa Luxemburgo no Brasil. Mário Pedrosa e você foram considerados os primeiros luxemburguistas brasileiros. Depois de vocês, veio Michael Löwy, são os três mais importantes. A primeira coisa que eu gostaria de saber é o que Rosa Luxemburgo significou para você e para sua geração de socialistas. E se você concorda com Michael Löwy, segundo o qual existia na cultura da esquerda brasileira uma corrente luxemburguista subterrânea que veio a desaguar no início do PT.

Eu tomei conhecimento que existia Rosa Luxemburgo, que foi uma figura importante do movimento operário, através de Mário Pedrosa, creio que nas páginas da *Vanguarda Socialista*, se bem me lembro. Isso é uma história de mais de sessenta anos atrás e minha memória já não é o que deveria ser. Mas acho que foi ele... A *Vanguarda* não era luxemburguista, tinha um espectro mais amplo, mas era, vamos dizer, socialista-marxista, bastante antistalinista, crítica também do trotskismo, do bolchevismo. É uma posição que realmente dava para justificar como luxemburguista.

O ponto que nos atraiu a todos foi o radicalismo de Rosa de um lado, e sua profunda rejeição à ditadura burocrática do outro. Que ficou evidente em um texto que ela nunca publicou, mas que depois Paul Levi divulgou. E transformou-se em uma das coisas mais importantes que ela fez. Nesse texto ela uniu uma posição socialista-democrática e uma crítica à Revolução Russa, já em 1918, praticamente nos primeiros meses da revolução – ela mostrou-se brilhante, porque tudo aquilo que ela apontou se agravou ao longo das décadas e deu hoje no que deu. Nós começamos a ler Rosa Luxemburgo, primeiro essa crítica à Revolução Russa, em seguida *Reforma ou Revolução?*, que foi traduzido para o português e que despertou nosso entusiasmo. Foi um dos livros de cabeceira, um dos livros fundamentais para a formação de certos militantes de esquerda.

Isabel – Agora uma curiosidade pessoal. Você mencionou Vanguarda Socialista. Você era bem jovem na época, não é?

Sim, eu tinha 14, 15 anos.

Isabel – Mário Pedrosa justamente publicou o texto de Rosa A Revolução Russa na Vanguarda Socialista, em 1946, numa tradução de Miguel Macedo. Eu fiz meu mestrado sobre Vanguarda Socialista e li Rosa pela primeira vez na Vanguarda Socialista.

Provavelmente comecei a ler *Vanguarda Socialista* um pouco depois. Eu me lembro que lá por volta de 1947 comecei a freqüentar o Partido Socialista aqui em São Paulo, que era bastante mais à esquerda que a direção nacional, e que depois o próprio Mário entraria no partido lá no Rio de Janeiro.

Isabel – Voltando à questão anterior: você acha que existia essa corrente luxemburguista subterrânea na esquerda que veio a desaguar no PT?

Olha... Eu realmente não saberia responder essa pergunta a você. Eu sei que através da influência de Mário Pedrosa, de Michael [Löwy] e minha, entre outros, Rosa passou a ser uma autora de peso. Mas dizer que houve uma corrente luxemburguista, certamente não foi no sentido em que usamos habitualmente a palavra “corrente”, sobretudo no PT, que seria um grupo organizado. Na realidade, quem começou a fazer seminários etc., sobre Rosa, foram – depois da ditadura militar – vocês e outras pessoas¹. E aí sim ela se transformou talvez num divisor de águas, em alguma medida. Eu acho que antes disso, pelas minhas lembranças, não.

Danilo César – Mas professor, como você se relacionava com a obra e com a contribuição teórica da Rosa nesse começo da sua atuação sindical? Enfim, na sua vida concreta, como se traduzia a influência luxemburguista nesse período anterior e mesmo durante a ditadura militar?

Acho muito difícil responder à sua questão porque também fui muito influenciado por Trotsky. As duas influências foram simultâneas na minha adolescência política, vamos dizer nos anos 1940 ainda. Então eu li *A minha vida*, de Trotsky, que foi outro livro que me influenciou profundamente. Eu não saberia distinguir um do outro, pelo menos do jeito que eu pensava naquela época. Ainda na época do suicídio de Getúlio, em 1954, eu tinha inclinações claramente puchistas; eu achava que nós deveríamos promover um levante armado, já que os militares haviam tentado derrubar o presidente e ele se matou. Obviamente todos os meus companheiros de esquerda, do partido socialista, não deram bola para isso.

Mas enfim, é difícil distinguir influências nítidas. Eu me tornei um luxemburguista teórico, quando me tornei economista e tive a ocasião de ler *A acumulação do capital*. Aí foi outra abertura maravilhosa também, porque era uma discípula de Marx que ousava não só criticar Marx, mas mostrar um erro dele, um erro de abordagem – não era pouca coisa, não era um engano. E isso era uma independência intelectual que não se via nos outros grandes intelectuais marxistas como Trotsky, Lênin, Kautsky etc.

Nenhuma dessas pessoas faria publicamente a menor restrição ao legado de Marx e Engels [risos]. Então esta ousadia intelectual e política de Rosa também foi uma coisa importante para mim.

Mas eu me convenci ao estudar *A acumulação do capital*, que basicamente não só ela tinha razão, mas ela fez uma descoberta importantíssima, que é exatamente o papel vital que a chamada “fronteira não-capitalista” desempenhava no processo de acumulação.

Isabel – Sabe o que eu queria perguntar agora? Antes de entrar na acumulação, sobre a qual queremos que você fale com mais detalhes, eu tenho muita curiosidade de saber por que você não entrou no Partido Comunista.

Por que eu não entrei no Partido Comunista?

Isabel – Você é uma pessoa de esquerda. Era uma coisa de personalidade mesmo, ou foi por alguma outra razão? Porque foi um divisor de águas muito grande naquele momento quem era comunista e quem não era.

¹ Referência ao “Seminário Rosa Luxemburg”, organizado em 1989 por Isabel Loureiro e Tullo Vigevani, na UNESP/Marília, com a participação do próprio Paul Singer, Gilbert Badia, Maurício Tragtenberg, Wolfgang Leo Maar, entre outros. As contribuições do seminário foram publicadas com o título *Rosa Luxemburg, a recusa da alienação*, São Paulo, Editora UNESP/FAPESP, 1991.

É, foi. Sem dúvida foi. Você tem toda a razão.

Isabel – Você diz: Vanguarda Socialista era anti-stalinista. Claro, o forte traço da Vanguarda é o seu anti-stalinismo, assim como de Mário Pedrosa... Mas imagino que não foi por causa da Vanguarda que você não entrou no PC. Conte um pouquinho dessa história.

Quando, em 1945, houve a redemocratização e, sobretudo, a libertação de Prestes da prisão, houve um momento de deslumbramento, principalmente para meninos como nós éramos, que praticamente não tínhamos qualquer formação política. Não se falava em política no Brasil – pelo menos nos círculos em que eu vivia. Minha família, que era de judeus refugiados no Brasil, não tocava em política. E subitamente meus professores começaram a falar. E aí eu descobri que um dos meus amigos, colega de classe, era do PC, e depois que a família dele inteira era do PC. Daí eu conheci as irmãs etc., e nos freqüentávamos em casa. Então houve uma certa influência. Eu acho que fui, digamos assim, um simpatizante do PC, tendo 13, 14 anos e, obviamente, não tinha idade para fazer nada, a não ser torcer pelo partido.

Mas de alguma maneira eu tinha minhas restrições, sobretudo com relação ao Yedo Fiúza, não sei se vocês se lembram do episódio. Na eleição de 1945, que era uma eleição estratégica, como foi a de 1989, toda a oposição estava apoiando Eduardo Gomes, que era, digamos assim, a liderança carismática, por causa do Forte de Copacabana, etc. E o PC resolveu levantar um obscuro político burguês, que de esquerda não tinha nada, chamado Yedo Fiúza. Os comunistas, disciplinadamente, resolveram apoiá-lo, mas uma porção de simpatizantes, até bastantes stalinistas, não o apoiaram – apoiaram Eduardo Gomes e acabaram desaguando no Partido Socialista. Isso deve ter pesado. Eu estou reconstruindo um pouco.

Agora, as coisas que de fato me separaram definitivamente do PC eu acho que foram as obras de Arthur Koestler, não sei se vocês chegaram a ler – foi um autor de enorme influência sobre mim e sobre a minha geração – *O iogue e o comissário, O zero e o infinito*, que são obras muito boas e inteligentes. Era difícil acreditar no que ele dizia, mas logo em seguida vinham confirmações do grau de horror que estava acontecendo.

Isabel – Nos processos de Moscou, por exemplo. A geração de vocês tinha conhecimento disso?

Tinha sim, claro. A aliança entre URSS e Hitler são coisas que nos afastavam, mas eu precisava aprender essas coisas [risos]. Eu estou falando de uma fase da minha vida em que lia avidamente, e tomava conhecimento e discutia etc. Depois o que me afastou também do PC foi que eu entrei no Dror, que era uma juventude judaica de esquerda que estava, digamos, promovendo a formação de *kibutzim* em Israel. Tanto assim, que os meus então companheiros de Dror criaram um *kibutz* brasileiro que existe até hoje, o Bror Chail. Eu fiquei quatro anos nesse movimento, cheguei a ser o secretário geral do movimento, e saí dele porque rompi com o sionismo; achava que se era para lutar contra o anti-semitismo, a repetição de holocaustos etc., era mais inteligente cada um no seu país do que agrupar todo mundo num único lugar. Daí houve uma cisão no movimento, uma cisão de dois. O Vitor Weintahl [risos] que era um jovem militante do Dror concordou com meus argumentos, mas ninguém mais. Então os dois deixamos o movimento e passamos a militar na esquerda brasileira. Isso se deu em 1952.

Ao longo destes anos, era o stalinismo na URSS que me separava do PC, o que não impedia que a gente lutasse lado a lado em muitas ocasiões. A minha militância sindical também me separou profundamente do PC. O fato é que o PC era bastante aparelhista, bastante autoritário, eles tinham maioria nos sindicatos. E eu era contra esta hegemonia e formamos uma espécie de frente anti-pelega e anti-PC, chamava-se Movimento de Orientação Sindical – MOS. Essa é um pouco a história.

Danilo – Como foi a sua atuação a partir do impacto do golpe militar? Porque a partir desse momento você contribuiu para a divulgação da obra de Rosa Luxemburgo mais ativamente. Então eu queria que você falasse um pouco desse momento, começo da ditadura militar, e virada da década de 70.

Quando houve o golpe militar, eu estava dirigindo o Partido Socialista. Eu era membro do diretório nacional e secretário-geral do partido em São Paulo. Logo no início do golpe, todos os deputados e senadores foram cassados, mas, curiosamente o partido não foi colocado na ilegalidade. Nós na verdade nos auto-colocamos, porque naquele momento não havia a menor segurança, não sabíamos até onde iria a repressão. Mas depois que percebemos que ninguém entrou na sede do partido, que estava fechada, nós a reabrimos e tentamos fazer o partido viver, até que ele foi dissolvido em 1965, por efeito do Ato Institucional nº2. Neste período nós tentamos manter a chama viva.

Logo em seguida ao golpe, João Mangabeira morreu, era a principal figura do partido, e aí se criou o Centro de Estudos João Mangabeira etc. Então mantivemos uma atividade, vamos dizer, ideológica. Inclusive chegamos a publicar acho que um ou dois números da *Folha Socialista*. Isto vai até fim de 1965, quando os partidos políticos são todos dissolvidos, se cria a Arena e o MDB. Eu me lembro de uma série de conferências que organizamos no auditório da Biblioteca Municipal, aqui em São Paulo ainda – eu era uma das principais figuras na organização disso. Enfim, a esquerda toda estava totalmente esfarelada e procurando se organizar por cima das linhas partidárias.

E depois da dissolução dos partidos, isso se tornou mais evidente. Mas aí fui para os Estados Unidos, fiquei um ano fora. E foi um ano importante, entre 1966 e 1967, pois na verdade uma parte grande da resistência da esquerda estava preparando a luta armada. E eu não estava aqui nesse período. Quando voltei, imediatamente me reintegrei à atividade. Havia uma revista chamada *Teoria e Prática*, na qual atuei, consegui publicar um artigo num dos únicos três números que saíram. Enfim, participei o mais ativamente possível da resistência, vamos dizer, no plano de idéias e de críticas.

Isabel – Passemos à acumulação... Eu queria saber o que você vê de original n'A acumulação do capital, porque você é um dos poucos que conheço que não faz críticas ao livro. Os economistas geralmente fazem críticas históricas à Acumulação, muitas vezes machistas. Como é que pode uma mulher, uma judia e polonesa criticar Marx – o homem que nunca disse nada errado? Tem muito esse tom nas críticas que são feitas a ela. E você, muito pelo contrário, sempre marcou a originalidade da obra. Gostaria que você falasse disso pensando, sobretudo, em relação à América Latina, se tem uma atualidade, se a obra ainda nos diz respeito.

Acho que eu vou precisar resumir um pouco o raciocínio geral da Rosa, para que as pessoas que não leram a *Acumulação do capital* entendam o que nós estamos discutindo. A Rosa estava escrevendo um livro de introdução à economia política, porque ela era professora da escola de quadros do Partido Social-Democrata Alemão. Ela estava escrevendo para os alunos, portanto, para os dirigentes do Partido Social-Democrata. E quando estava exatamente procurando explicar a acumulação do capital, ela entrou em choque, por assim dizer, com o tratamento inconcluso que Marx dá ao assunto no chamado segundo volume do *Capital*, que foi póstumo, tendo sido organizado por Engels, a partir das anotações de Marx.

A Acumulação do capital foi publicado em 1913, um pouquinho antes da Primeira Guerra Mundial. É um livro de crítica profunda, na verdade, apenas a um aspecto, e não metodológico, da análise do capitalismo feita por Marx. E ela faz essa crítica com a metodologia que Marx adota, que é curiosamente uma metodologia econométrica. Ou seja, são as chamadas equações de

equilíbrio, em que Marx procura mostrar exatamente como é que se dá a relação entre a divisão do valor – entre a reposição do que foi gasto com a mão-de-obra e com o capital, e o excedente.

E, por outro lado, a forma física que a produção assume, conforme ela serve para a reprodução física das pessoas que trabalham, ou a reprodução do capital que foi gasto. Esta ligação entre o valor monetário da produção e a utilidade dela em termos físicos é um grande achado de Marx, inspirado no *Tableau Économique* de Quesnais, mas com um tratamento muito mais sofisticado – Marx tinha inclinações para a matemática, o que lhe permite dar a este problema (assim como o da transformação dos valores em preços) um tratamento sofisticado.

A primeira parte da obra de Rosa Luxemburgo é uma exposição de toda a parte inicial do segundo volume do *Capital*, e a crítica a ela. É essa é a parte que menos me entusiasma, porque metodologicamente Marx já estava errado, e ela reproduz o erro de Marx. O erro está em imaginar que o sistema se equilibre. Ele nunca se equilibra, quer dizer, não há momento algum em que os modelos de equilíbrio geral no capitalismo – seja o neoclássico, o marxista, o que for – tenham tido algum contato com a realidade. Como nós somos aqui pessoas que já viveram algumas décadas de capitalismo, eu acho que vocês estão entendendo o que quero dizer. Essa seria a crítica que hoje eu faria ao segundo volume do *Capital*. Mas ela não, ela procura mostrar um erro lógico, a partir da ideia de que tudo se equilibra a longo prazo, etc. Essa é uma discussão complicada, que depois foi várias vezes retomada, sobre a teoria do valor, a relação entre valor e preços e assim por diante – que foi tratada no terceiro volume do *Capital*.

Mas a segunda parte d'*A Acumulação do capital* é entusiasmante, porque aí ela tira as consequências político-históricas do que considera um erro de Marx, e dá uma contribuição teórica, para mim, absolutamente decisiva – que é mostrar que nunca houve um modo de produção único no mundo. Sempre houve diferentes modos de produção que interagem. E é muito fácil você dizer: “Bom, mas esse aqui é o passado. Isso aqui são modos de produção pretéritos que ainda sobrevivem”.

Não é verdade. Na realidade o campesinato, o artesanato – a pequena produção de mercadorias precede o capitalismo e convive com o capitalismo até hoje. Isto eu percebi graças à Rosa. Então todo o meu trabalho teórico a partir daí pressupõe múltiplos modos de produção. Isso tem a ver com a economia solidária, obviamente. Quer dizer, eu entendo a economia solidária como um modo de produção, entre outros, que existe dentro do capitalismo, já há duzentos anos, com maior ou menor força, mas que pode, diante das contradições que o capitalismo apresenta, ter um desenvolvimento.

Marcos Barbosa de Oliveira – Professor, tem um aspecto que eu não entendi muito bem quanto ao erro do Marx. Ficou na minha cabeça que parece que tem um erro em Marx que a Rosa incorporou, na sua visão.

Obrigado por fazer a pergunta. Acho que não fui claro. O raciocínio de Marx é sempre o seguinte – num nível muito alto de abstração: aquilo que se produz em termos de bens de consumo (alimentos etc.) e de bens de produção tem que corresponder, em termos de valor, àquilo que é salário – que é capital variável, entregue aos trabalhadores; aquilo que os próprios capitalistas consomem, que é um outro setor, seria a mais-valia consumida pelos capitalistas; e, finalmente, a uma terceira parte, que é a mais-valia que vai ser acumulada.

E o que Rosa mostra é que o esquema de Marx, rigorosamente falando, não tem demanda por essa terceira parte. Não há quem compre as máquinas. Se há bens destinados à reprodução dos trabalhadores, a teoria do equilíbrio diz: os trabalhadores devem ganhar salário suficiente para comprar tudo o que é destinado a eles. Os capitalistas, a mesma coisa: eles devem gastar dos seus lucros tudo o que eles precisam para manter o seu padrão de vida. Agora, quem é que

compra a parte que se destina a ser o novo capital? A resposta dos marxistas a ela foi, obviamente: os capitalistas que vão ampliar a sua produção, que vão criar novas fábricas ou novas ferrovias, seja lá o que for.

E aí a Rosa é, na verdade, uma antecessora de Keynes. Ela diz: “Na lógica, tem que haver uma demanda prévia. Para alguém comprar máquinas para aumentar a produção, é preciso que ele não esteja conseguindo atender toda a demanda pelas mercadorias dele.” De onde é que vem essa demanda extra, que justificaria logicamente que alguém acumulasse capital? É muito parecido com a visão neoclássica, ou seja, tudo é racional – as classes são racionais, os capitalistas conhecem o que está acontecendo etc., e aí é que ela tem inspiração. Na verdade, essa demanda faltante vem de fora, vem de outros modos de produção; e tanto pode ser a indústria bélica estatal, que não produz mais-valia, como pode ser o campesinato ou as colônias.

Isabel – Você pode falar um pouco sobre a teoria do imperialismo de Rosa?

Claro! Quer dizer, o que ela mostra é que na medida em que o capitalismo se desenvolve no plano mundial, essa demanda que o capitalismo precisa para que ele possa transformar bens de produção, fisicamente existentes, em elementos do capital, ele precisa de um mercado não-capitalista crescente ao seu redor. Isso é o imperialismo. E ele acha esse mercado, não unicamente, mas em boa medida, na África e no resto do Terceiro Mundo. Só que para poder gerar uma demanda lá, é preciso criar, muitas vezes, uma economia de mercado onde ela não existe. Essa é uma das coisas mais inteligentes e interessantes que eu aprendi com Rosa.

Ela faz estudos sobre a Índia, a Argélia e mostra como aquela população que vivia da economia de subsistência, muitas vezes sem moeda, foi forçada pelo colonizador a se transformar numa economia monetária. Acho que foi na Índia ou na África, ou talvez os dois. Os ingleses impuseram o que se chamava de *head tax*, uma taxa por habitante, que tinha que ser paga em dinheiro. Então eles obrigavam os aborígenes a produzirem alguma coisa que pudesse ser vendida. Tudo isso ela deslinda lindamente. E mostra que na medida em que você abre uma economia de mercado, ela se torna capitalista, e com o tempo ela passa para o outro lado, ela passa a precisar de uma demanda não-capitalista. Esta é a teoria do imperialismo de Rosa, que é, ao meu ver, inteiramente correta.

Isabel – E a distinção que você disse que existe em relação à teoria de Lênin? Para Lênin o imperialismo é o estágio superior do capitalismo.

É. Lênin é discípulo de Hilferding, coisa que ele não esconde. Hilferding faz uma análise histórica das etapas do capitalismo, e escreve *O capital financeiro* como sendo uma etapa nova na história do capitalismo. Não a existência de finanças, que é bastante antiga no capitalismo, mas, digamos, a sua dominância – isto se tornou atualíssimo hoje em dia; uma grande parte da economia política crítica do capitalismo aponta a chamada “financeirização”, mas ele já percebeu isso em 1910, quando ele escreveu *O capital financeiro*. E Lênin então usa essa visão de que o predomínio do financeiro sobre o produtivo é a última etapa; o capitalismo não vai conseguir ir além disso. O imperialismo seria a véspera da sua implosão.

Isabel – E no caso de Rosa, você diz...

Aliás, tem uma coisa, desculpe-me. É uma nota de rodapé: Rosa Luxemburgo vai substituir Rudolf Hilferding como professora de economia da escola de quadros do Partido Social-Democrata [risos].

Isabel – É verdade, ele não podia continuar a dar aula, porque não era alemão, era austríaco. E Rosa era alemã pois tinha casado com um alemão, embora fosse um casamento de fachada.

Isso mesmo [risos].

Isabel – Num determinado momento você diz (e Mário Pedrosa também) que, para Rosa, a violência que vem junto com o imperialismo é algo constitutivo do capitalismo, não é limitada à fase da acumulação primitiva. Essa violência permanece no capitalismo, que é intrinsecamente violento. Na medida em que ele precisa criar outros mercados, ele violenta as populações autóctones.

Isso mesmo. Ela dá uma visão totalmente nova, pelo menos para nós, do que é o processo de expansão do capitalismo. Porque Marx mesmo já tinha tratado disso, mas ele não tomava a sério os modos de produção não-capitalistas. Marx faz uma coisa, que é outro erro metodológico dele: ele escreve *O capital* na pressuposição de um sistema puramente capitalista. No mundo pressuposto por Marx, só há trabalhadores e patrões, e mais nada; nem o Estado praticamente aparece como fator econômico, ele só é um elemento político. E com Rosa tudo isso vem à tona; quer dizer, na imortal análise de Marx, do capitalismo e sua dinâmica, faltava algo essencial.

Danilo – Como você, que justamente aposta em modos de produção não-capitalistas, consegue lidar com essa questão posta por ela e por Lukács, que parte da própria Rosa Luxemburgo que você está ressaltando. Não sei se ficou claro.

Acho que entendi. Quer dizer, eu não li Lukács. Tenho esse livro *História e Consciência de Classe*, acho que devo ter lido parte, mas nunca o estudei como deveria. Está na minha lista, depois ainda quero estudar. Mas, de qualquer forma, a recepção de Rosa, na época dela, foi durante a Primeira Guerra Mundial, quando ela ficou presa a maior parte do tempo. A polêmica sobre *A acumulação do capital* se realizou a despeito dela, em grande medida. Mas os que se entusiasmaram e se tornaram luxemburguistas, com *A acumulação do capital*, transformaram-se, depois da morte dela, em mecanicistas, porque eles estavam esperando o tempo todo um momento H em que se esgotariam as possibilidades de avanço – o mundo todo seria capitalista, e o capitalismo se tornaria impraticável, por assim dizer, porque faltaria a demanda necessária para viabilizar a acumulação de capital.

Cumprir notar que a própria Rosa percebe que o Estado é um componente importante da demanda “externa” ao sistema. Toda a demanda que o Estado absorve sob a forma de impostos é uma demanda não-capitalista – para armamentos ou para serviços públicos, que não geram lucros. Isto os herdeiros diretos de Rosa Luxemburgo não levaram em consideração. Estou falando de vários autores que li com muito interesse, exatamente porque eram os primeiros a apoiar e desenvolver a teoria de Rosa.

Na verdade havia, neste período, entre as duas guerras mundiais, uma espécie de aposta no fim do capitalismo e que, provavelmente, foi devida à grande crise dos anos 1930, que foi realmente a pior crise da época do capitalismo, e poderia ter levado a transformações revolucionárias. Mas não levou. Levou ao keynesianismo, ao New Deal, levou a mudanças importantes para o capitalismo, diria fundamentais até, mas não levou ao socialismo.

*Marcos – Vamos a uma outra pergunta, já tocando nessa relação da economia solidária com a idéia do socialismo. Será que houve uma mudança profunda na sua visão do socialismo e que poderia estar refletida no fato de no seu livro de 1998, *Utopia militante* – repensando o socialismo, no qual o socialismo está bem no foco das preocupações, ao passo que no seu outro livro, de 2002, *Introdução à economia solidária, o socialismo merece apenas uma pequena menção, na referência aos socialistas utópicos*. A pergunta então é se houve uma mudança de posição, de expectativas em relação a uma possibilidade de recuperar a bandeira do socialismo nos dias de hoje.*

Não, a resposta é claramente não. Não houve qualquer mudança. Há uma explicação para isso – e a diferença só ficou clara para mim agora, quando você fez a pergunta. O primeiro livro, *Utopia militante*, nasce em função da comemoração dos 80 anos da Revolução de Outubro. Em 1997 se organiza um debate – acho que na Universidade, não me lembro exatamente em que local – em que diferentes intelectuais abrem um debate; tinha alguém do PC do B, alguém do PSTU, e eu pelo PT. Isso foi em 1997, quando eu já estava na economia solidária. Nesse debate tentei mostrar que do ponto de vista realmente socialista, a Revolução Russa nunca o foi. Na verdade não cumpriu o que seria sua primeira missão, que seria entregar os meios de produção aos trabalhadores; jamais lhes entregou. Isto foi no debate. Os outros dois discutiram a China e vários outros pontos de interesse; cada um puxou a brasa para a sardinha que interessava.

Eu formulei o que acabou sendo o essencial do argumento da utopia militante nesse debate. Então saí de lá e comecei a escrever. Escrevi vários pedaços – o livro não foi escrito de uma única vez, mas eu o fiz e estava interessado só no socialismo, embora estivesse trabalhando com a economia solidária já. É que na minha cabeça economia solidária e socialismo são sinônimos. Agora, por motivos táticos, eu tendo a falar mais em economia solidária, mas falo em socialismo nas discussões do PT; em 2000, escrevi o livro *Economia Socialista*, não sei se vocês chegaram a ver, é um livrinho pequeno, em que confronto o marxismo clássico com a economia solidária. Enfim, eu continuo socialista por inteiro, não mudei em nada a esse respeito.

E *Introdução à economia solidária* resultou de um pedido que me foi feito pelo Ricardo Azevedo, da Fundação Perseu Abramo, que viu uma exposição minha em Belém do Pará e achou muito interessante a parte histórica e então sugeriu que eu fizesse um livro para a editora da Fundação. Eu gostei da proposta e a aceitei. Mas como era um livro que devia se chamar *Introdução à economia solidária*, eu poderia ter acrescentado um capítulo discutindo as relações da economia solidária com o socialismo, mas acabei fazendo isso ao discutir, no livro, o Owen, e o cooperativismo revolucionário do início do século XIX, do qual ele foi o principal protagonista.

Marcos – Posso acrescentar uma coisa?

Por favor.

Marcos – É uma curiosidade pessoal. Um autor do qual gosto muito é Karl Polanyi. Ele teve alguma importância no seu pensamento?

Teve. Mas, em termos de tempo, é outra época; é quando eu, por assim dizer, reinventei a economia solidária. Sem saber que ela já existia, escrevi sobre ela e entrei nesse mundo, que já estava na verdade em plena ebulição, que é a construção de uma economia, vamos dizer, socialista ou solidária – o nome não tem importância.

Ao entrar nessa que é minha principal atividade intelectual e política nos últimos doze anos – foi em 1996, vai fazer doze anos agora em julho – aparece Karl Polanyi. Eu sabia que ele existia, sabia do livro dele, mas ficou naquela lista das coisas que não deu tempo para ler. Acontece que Polanyi é o grande inspirador da economia solidária, vamos dizer, não-marxista; os seus principais ressuscitadores são franceses, Jean-Louis Laville e Alain Caillé, da revista MAUSS. Enfim, essa escola se baseia muito em Polanyi e foi por causa dela que eu passei a lê-lo também. Ele é muito interessante.

É uma visão diferente de Marx, evidentemente, mas muito crítica do capitalismo liberal, do capitalismo que ressurge com enorme força agora, no neoliberalismo. Polanyi torna-se inclusive atualíssimo hoje em dia em função do que aconteceu a partir dos anos 1980. Realmente você tem razão. Eu poderia ter feito essa ligação e não fiz. Foi uma falha, se você quiser. Mas, enfim, nenhum livro é completo, sempre tem alguma coisa faltante.

Danilo – Ainda sobre isso, professor, e pensando no título Utopia militante, parece haver aqui uma resposta a uma das acusações recorrentes contra a economia solidária, a acusação de um certo utopismo, no mau sentido, proveniente de um marxismo mais cientificista, muito ligado ao texto clássico de Engels. Mas eu acompanhei recentemente as dificuldades de se criar meios de financiamento para a estruturação da economia socialista – ou economia solidária, como você chama. Há uma grande dificuldade de se consolidar isso. Há ainda, relacionado a isso também, nesse mesmo título Utopia militante, uma alusão a um compromisso de formação militante com as bases que remete a Rosa Luxemburgo, que é o tema do nosso filme. Eu queria que você falasse um pouco dessa dupla dimensão: por um lado, uma construção teórica que necessita uma série de estruturas materiais para se consolidar, por outro o compromisso cotidiano com a formação de pessoas, em que você está envolvido, desde a incubadora da USP etc. Como é que essa dupla dimensão se liga com o legado luxemburguista que você tem?

É, acho que há um legado luxemburguista do qual eu não estava consciente antes deste momento, e pelas perguntas que vocês estão fazendo, acho que você tem razão. E o legado me parece ser este: para Rosa Luxemburgo, quem dirige a revolução é o que ela chama “as massas”; são os próprios trabalhadores, os homens, as mulheres, os camponeses, os jovens, enfim. A direção política, que é tão importante para Trotsky e Lênin, não é tão importante para ela. Ela acha que essa direção tende a segurar, tende a refrear porque – desculpa, agora é uma coisa minha, é uma nota de rodapé até melancólica porque ela morre tentando fazer isso – porque foi o levante infeliz, lá em Berlim, que propiciou as condições do assassinato dela. Ela foi contra porque sabia que não havia nenhuma perspectiva de o levante ser vitorioso. Como dirigente ela tentou segurar “as massas”, mas não conseguiu.

Mas, de qualquer forma, na crítica de Rosa à Revolução Russa, essa visão das massas como carregando o ímpeto da mudança é uma coisa que calou fundo em mim, e eu a reencontrei na economia solidária. A economia solidária não foi encontrada por ninguém – não foi inventada pela Igreja, não foi inventada pelos sindicatos –, foi uma criação das pessoas em situações difíceis, mas recorrendo às forças comunitárias que são socialistas, em última análise. E isto está acontecendo.

Ao contrário do que você colocou na sua pergunta, a economia solidária está mostrando muita robustez, muita força; está crescendo enormemente no Brasil. Para vocês terem uma idéia, o nosso primeiro levantamento da economia solidária – nós temos um mapeamento – encontrou 15 mil empreendimentos de economia solidária no Brasil inteiro, mas sabíamos que não era completo. O segundo levantamento, feito dois anos depois, teve um aumento de 40%. Uma parte deste aumento não é nova, não chegamos a ela no primeiro levantamento, mas uma outra parte do aumento deve ter surgido depois.

Há uma adesão em massa, digamos, dos movimentos sociais, à economia solidária no que se refere à economia. O MST, os quilombos, os indígenas, todo mundo está interessado em economia solidária, explicitamente falando. Então, tem toda a viabilidade. Agora, o que me encanta na economia solidária é que ela vem de baixo. E que nós que estamos à sua testa – e eu tenho hoje condições de dizer que estou por causa do cargo no governo; eu sou empurrado na verdade, eu não lidero; eu sou empurrado e tento responder o melhor possível, já que tenho entusiasmo pela idéia. Mas dizer que eu é que estou criando isso junto com minha pequena equipe em Brasília e mais outras, é uma inversão do que realmente acontece. Então nesse sentido Rosa Luxemburgo estava certa. As grandes transformações, a revolução social em marcha que existe hoje no mundo é tocada pelas pessoas que, digamos, vêem nisso uma solução concreta para seus problemas.

Isabel – Então, nesse sentido, existem germes de socialismo no interior da sociedade capitalista?

Sim. Aliás, sempre houve. Essa é minha profunda convicção. O interessante, já que estamos falando disso, é que esses germes já eram pensados por Marx, mas eram pensados nas grandes indústrias. Ele achava que o germe do socialismo estava exatamente na arregimentação dos trabalhadores na grande indústria. Isso é uma coisa na qual acreditei muitos anos, mas depois que tive a minha experiência sindical, passei a achar que a probabilidade disso é pequena. Mas a grande indústria, sobretudo com o Estado do bem-estar social, enquadra tão bem os trabalhadores que eles na verdade lutam sempre por mais do mesmo, ou seja, melhores salários, melhores condições de trabalho, melhores condições de aposentadoria, coisas que para eles são importantes. Mas não para deixarem de ser assalariados.

Não existe um movimento, digamos, de rebeldia, contra a ditadura do capital nas empresas. Existe quando uma geração de jovens operários com muita escolaridade entra e vê o horror que é. Aí sim. Mas o grande impulso para a economia solidária vem das comunidades pobres; é lá que está o fermento social que se viabiliza – portanto nos quilombos, nas comunidades indígenas e, sobretudo, no campesinato e no artesanato. Artesanato e campesinato são muito semelhantes. Todos os camponeses são artesãos; eles trabalham com as mãos para transformar o que produzem. Das frutas que colhem fazem geléias, dos legumes fazem conservas etc.. Você vai numa feira de economia solidária, que tem uma boa quantidade de barracas de alimentos, você tem, junto com estes, brinquedos e outras coisas que os camponeses fazem, que são na verdade produtos artesanais. Para essa gente, compartilhar é fazer auto-gestão e uma certa democracia de base. É uma coisa natural. Eles se inclinam a isso, você não precisa doutriná-los.

Danilo – Então, sobre isso ainda, só para aprofundar um pouco mais, professor. Voltando a Rosa Luxemburgo e a como ela se contrapõe à “burocracia proletária” em que se transformou o Partido Social-Democrata Alemão, que refreava justamente a pressão mais radical que vinha das bases – em que medida você veria no PT destes últimos anos uma mudança qualitativa, correlata ao desmanche neoliberal? E em que medida o PT e os novos sindicatos passam a não mais incentivar o vínculo com a base, mas a refrearem a base ou a se descolarem dela? Gostaria de saber se a sua adesão apaixonada à economia solidária estaria relacionada com isso ou não.

Não, não. As coisas não vão nesse sentido. O que você está me perguntando, no fundo, é qual é a relação entre economia solidária e a evolução do PT, está certo? Eu posso contar um pouco os fatos e vocês tiram as próprias conclusões. Eu levei a economia solidária ao PT por uma iniciativa do Lula. O Lula estava extremamente preocupado com o enorme desemprego que havia, que, aliás, foi o que me levou à economia solidária. Pouco tempo depois de me envolver com a economia solidária, Lula organizou uma reunião no Instituto da Cidadania sobre o que fazer com o desemprego e que posição tomar frente a ele.

E, na reunião, curiosamente, as duas pessoas a que ele deu mais espaço para falar e expor idéias foram o Plínio de Arruda Sampaio e eu. O Plínio estava numa fase de total radicalização, na qual se encontra até hoje. E ele defendeu, nessa reunião, uma greve geral contra o desemprego. O que para mim era um absurdo, porque com muito desemprego, greve geral não tem a menor condição [risos]. É para perder o emprego. E eu disse o contrário, que os sindicatos deveriam perder o medo de organizar os desempregados. Os sindicatos tinham medo dos desempregados porque a única coisa que o desempregado queria era emprego, e a única coisa que o sindicato não tinha para o desempregado era exatamente o emprego. Então eu dizia: “Não, existe uma possibilidade ideal, que é o emprego coletivo.” Não sei se eu usei essa palavra, ou algo dessa natureza. E isso já está acontecendo, é um fato, e devemos dar toda a força a isso. Na ocasião, Lula não se pronunciou. Ficou em cima do muro, as duas coisas foram registradas, por assim dizer.

Mais tarde, em 2000, Lula provocou uma discussão sobre o socialismo. Ele procurou o Antonio Candido, junto com o Vannucci, e pediu a ele para organizar um seminário, um único seminário,

que depois virou uma série, sobre o socialismo hoje. E Antonio Candido sugeriu convidar o Chico de Oliveira e a mim para ajudá-lo.

A sugestão foi aceita e nós três, com a colaboração de Paulo Vannuchi, Ricardo Azevedo e Joaquim Soriano organizamos uma primeira série de debates sobre o socialismo na atualidade. E nessa ocasião, a segunda conferência foi a minha, sobre economia socialista, em que eu coloquei a economia solidária para o PT. Estava toda a direção do PT presente. A partir de 2000, a direção do PT aderiu ao Economia Solidária – mesmo essa direção que revelou-se depois neoliberal, a começar pelo próprio Lula, o Zé Dirceu... O Palocci nem estava lá e nem tinha na época a importância que passou a ter depois.

Ainda na campanha de 2002, eu me lembro que ainda fazia parte da equipe dos economistas – nós estávamos preocupados em fazer um programa para o Lula – e, obviamente, o programa que nós queríamos fazer era o oposto do que ele queria. Mas eu lembro que ele me disse: “Singer, você precisa me escrever uma página sobre o Economia Solidária.” Isso poderia ser um detalhe, mas não é um detalhe porque ele aceitou fazer a Secretaria [de Economia Solidária] e está dando apoio total a nós. Quer dizer, se não fosse o Lula, nós não teríamos conseguido avançar como nós conseguimos. Tanto o PT como o governo Lula têm... Tem contradições aí – ele dá total apoio ao Henrique Meireles e dá a mim também. Eu não estou me comparando, o Henrique Meireles é muito mais importante.

O fato concreto é esse, ele tem uma particular paixão – isso para revelar uma faceta, ao meu ver, importante do presidente – pelos catadores de lixo. Ele, uma vez por ano, almoça com eles e está dando uma força imensa, inclusive, recursos financeiros que passam pela minha Secretaria, às cooperativas de catadores, porque catador é morador de rua; é o excluído do excluído; é o que vive do que nós jogamos fora, e isso aí Lula percebe. Eu vi várias vezes ele falar. Ele tem um compromisso de combate à pobreza, se você quiser... Isso ele mantém. O PT e, sobretudo, a Democracia Socialista, mas outros setores também, mergulham fundamentalmente no que nós chamamos de “Mensagem ao Partido”, em que a visão de socialismo petista é a Economia Solidária.

Marcos – Eu não sei se cabe a minha pergunta, que tem a ver com o PT e com o socialismo, mas introduz aí um elemento novo. O gancho é uma proposta que foi feita recentemente no Congresso do PT, de uma das tendências, que falava em socialismo sustentado. Eu acho que a designação é um pouco estranha, mas de qualquer forma parece remeter ao problema ecológico, visto por muitos hoje em dia como o principal obstáculo para o desenvolvimento do capitalismo, da maneira como vem ocorrendo. Então a pergunta é: de que maneira a ecologia entra na sua visão política de hoje? E acho que não é difícil perceber possíveis conexões com o Economia Solidária. Eu pergunto se essas conexões são explicitadas no movimento do Economia Solidária?

São, são. Para lhe dar uma resposta curta, logo depois que nós criamos a Secretaria de Economia Solidária, a questão foi discutida. Nós fazíamos reuniões de equipe freqüentes, em que adotamos os fundamentos do que estamos fazendo. O Roberto Marinho – que hoje é diretor do Departamento de Estudos e Divulgação da Secretaria, na época ele era um coordenador geral, já era uma pessoa importante; é um intelectual, professor da Universidade Federal do Rio Grande do Norte – ele fez uma defesa apaixonada da questão ecológica, como igualmente importante para o Economia Solidária.

Eu me lembro de que fui bastante crítico desta posição; não que eu fosse a favor da destruição da natureza, mas eu achava que não tinha nem de longe a importância que na verdade tinha. Eu estava errado e estou fazendo uma autocrítica aqui. Eu não tinha noção, mas mudei de opinião muito recentemente, acho que junto com a opinião pública mundial, quando o painel de cientistas da ONU confirmou que o aquecimento é uma coisa perigosa, está acontecendo há

duzentos anos e é fabricado por nós. Eu tenho um viés forte: eu sempre tendo a ser otimista. Então quando alguém diz: “O mundo vai acabar. O mundo está aquecendo”, eu tendo a falar: “Não é bem isso.” Mas agora estou convencido de que há de se fazer coisas fundamentais para evitar que a humanidade sofra prejuízos. Portanto, o Roberto Marinho estava certo. Na verdade, independentemente de toda a influência que eu pudesse ter, nunca houve a menor dúvida, no movimento de economia solidária, que preservar a natureza é vital, e eu atribuo isto, em boa medida, aos franciscanos – porque me parece que dentro da igreja os ecologistas são, sobretudo, os franciscanos.

Isabel – Nesse sentido, acho que existe uma ligação ainda mais profunda. Vamos ver o que você acha dessa idéia. Se compararmos com o marxismo – para os marxistas, o proletariado era a classe histórica, e os camponeses eram uma classe retrógrada, atrasada e que deveria desaparecer, assim como o artesanato. Hoje podemos acrescentar: tudo o que está à margem da sociedade, todas essas coisas com as quais a economia solidária se ocupa, é visto pelos marxistas ortodoxos como alguma coisa que está fora da linha do progresso.

Isso, bem colocado.

Isabel – Hoje, com a questão ecológica, como encarar essas classes que deveriam desaparecer, mas não desapareceram? Podemos pegar como exemplo os catadores de papel que vivem do lixo que os outros jogam fora e que estão preservando, fazendo um serviço de limpeza na sociedade.

Isso mesmo. Você tem toda a razão.

Isabel – Os pequenos agricultores ou a agricultura familiar, os artesãos, enfim, toda essa gente com que você lida na economia solidária, se pensarmos no futuro do planeta, eles são mais progressistas do que a classe operária industrial, que está fabricando carros, armas ou coisas desse tipo.

Ou, sobretudo, plástico.

Isabel – Em termos teóricos, talvez seja necessário fazer uma nova teoria que leve isso em consideração.

Estou totalmente de acordo. Eu já tinha, eu mesmo, formulado exatamente nos termos que você falou, por causa da minha herança, que é a nossa herança marxista, evidentemente. Eu tenho dito várias vezes – nunca escrevi, não tive tempo de escrever – que o campesinato hoje é vanguarda porque é só entre os camponeses que você pode fazer agricultura ecológica. Não dá para fazer agricultura ecológica em *plantations*. Há uma contradição aí. E é muito interessante porque se criou uma distinção entre agricultura orgânica e agricultura ecológica. A agricultura orgânica é a agricultura capitalista industrializada sem os venenos, e agricultura ecológica é uma coisa radicalmente diferente. E o que nós precisamos para preservar a terra, o ar, a água para humanidade é a agricultura ecológica, que é uma invenção; é uma invenção e uma re-invenção dos praticantes, assim como a economia solidária. Isso é uma coisa interessantíssima que eu aprendi.

Não existe um manual de agricultura ecológica, que basta ler que você aplica. Porque cada micro-clima exige elementos biológicos específicos para as suas características. Portanto, segundo Jean Marc von der Weid (ele foi um grande líder estudantil brasileiro da época heróica do movimento estudantil, hoje é um dos mais importantes campeões da agricultura ecológica) – ele fez uma exposição no Conselho do Condraf, no qual eu represento o Ministério do Trabalho, e mostrou isso, o que mais se gasta na agricultura ecológica é o tempo para transmitir as experiências mutuamente. Você tem que ter o tempo todo o contato com os outros camponeses,

em áreas um pouco diferentes, para uns aprenderem com os outros – o que é um processo interessantíssimo de construção.

Portanto, confirma o que você está dizendo. Aquilo que era o atraso virou na verdade a esperança do futuro. E não só camponesa. Eu concordo com o que você falou a respeito dos catadores. Aí, na minha experiência de Secretário do Planejamento de São Paulo, foi vital o que eu aprendi. Nós estamos sufocando no lixo. A quantidade de lixo que nós produzimos, que a indústria produz, sobretudo sob a forma de embalagens plásticas, que nunca deterioram, é um horror! E não tem solução. Hoje, cidades pagam a outras cidades para ficarem com o lixo delas, e nem conseguem. A saída vai ser a reciclagem total, ou seja, reformular toda a tecnologia para que nada sobre. Tudo o que você produz poderá ser transformado em alguma coisa útil adiante; não se joga mais fora nada. Já temos hoje cooperativas reciclando óleo de cozinha, não sei se vocês sabem disso. Eu achei interessantíssimo.

Isabel – Nós fazemos isso com o nosso [risos].

Ótimo! Maravilha! [risos] Então vocês sabem do que eu estou falando.

Marcos – A outra pergunta é referente ao Fórum Social Mundial. Atualmente está em preparação o Fórum Social Mundial que vai acontecer em Belém, em 2009. Como você teve uma participação muito importante nos outros Fóruns, por um lado e, por outro, como existe um certo desânimo, certos diagnósticos de que “algo deu errado”, que o Fórum perdeu a sua importância, enfim, está numa crise, eu gostaria de saber o que você pensa a respeito. Como é que você vê as possibilidades do Fórum Social Mundial daqui para a frente.

Aí depende um pouco do que nós queremos. Na verdade, na medida em que para mim a luta pelo socialismo é a economia solidária... A economia solidária é uma proposta aberta, muito ao contrário do marxismo. Não tem Marx em economia solidária. Acho que Laville, eu e Coraggio somos as figuras mais importantes, no sentido de influenciar os outros, mas nós pensamos muito diferente. Ele, a partir de Polanyi, chega a ter posições de que o papel da economia solidária é suavizar o capitalismo, moderar e outras coisas dessa natureza, que obviamente para mim são anátemas.

Mas o mais interessante é que o movimento é muito mais rico do que nossas formulações. Ele não cabe nos nossos esquemas. Daí a importância do Fórum. O Fórum é uma proposta aberta; e os críticos do Fórum querem uma Internacional, na verdade; eles querem organizar as lutas no plano internacional – e para isso o Fórum não serve. Eu respondo muito bem: “Querem organizar outras coisas, organizem. O Fórum não pretende ter monopólio. Façam reuniões para organizar greves, manifestações, ou seja lá o que vocês queiram fazer, mas deixem o Fórum ser o que é, que é um lugar de debate, um lugar de troca de idéias, de aprendizado mútuo” – e ele está se mantendo assim.

Há gente muito desesperada, achando que o mundo está em vias de acabar, que o capitalismo está levando o mundo a uma situação de miséria etc. Todas as evidências são contrárias. O mundo não está indo para o buraco, as chamadas metas do milênio, vocês devem ter ouvido falar disso, estão se realizando inclusive no Brasil. O Brasil vai conseguir eliminar a pobreza em 50% muito antes de 2015, se continuar no ritmo que vai indo – e não é só o Brasil. De modo que, para mim, o Fórum está ótimo porque permite que muitas revoluções, tentativas e experiências convivam e se organizem para aprender mutuamente. O mais importante do Fórum, na minha opinião, é o aprendizado; é o fato que temos uma vez por ano a oportunidade de encontrar pessoas do mundo inteiro interessadas nas mesmas coisas que nós, e aprendemos juntos. Agora, dentro do Fórum existem 50 formas diferentes e a economia solidária é uma delas. Eu estou contente com isso, eu não gostaria que o Fórum fosse todo concentrado nas coisas que

interessam especificamente a mim; pelo contrário, acho que a diversidade é rica a esse respeito. Só espero que o Fórum não seja transformado num grupo de ação política imediata porque ele não foi criado para isso e acho que não há condições no momento para isso também. Eu estou cada vez menos inclinado a achar que a luta contra o capitalismo, pela mudança social terá que ser por um partido mundial. É muito reacionário. Tem que deixar todas essas coisas se realizarem e se fecundarem.

Danilo – O meu complemento se alterou um pouquinho com essa sua colocação, mas acho que o fundamental permanece porque a sua fala imediatamente anterior tinha sido um pouco mais pessimista, e esta reafirmou seu otimismo. Mas, voltando a Rosa, que é o tema fundamental do nosso filme, gostaria de saber se, para você, é possível atualizar o lema dela “socialismo ou barbárie” numa espécie de “economia solidária ou barbárie”, “economia socialista ou barbárie”, nem que seja a longo prazo. E se o capitalismo continuar avançando sem o fortalecimento do modo de produção econômico solidário, se você acha que estamos no rumo de algum tipo de barbárie. Além disso, você situa a economia solidária nesse mundo de diversas outras formas de organização da classe “pobretária” – essa nova classe operária. Rosa, por sua vez, no seu tempo, apesar de toda a ênfase na base, era uma mulher de partido, que acreditava no papel fundamental da vanguarda, não como chefe, condutora das massas, mas como “chacoalhadora” ou inspiradora – enfim, no mínimo, como bastante sensível às bases. 90 anos depois, como fica a relação da forma de organização política e econômica da economia solidária com essas outras estruturas – o sindicato, o partido e fundamentalmente o movimento social? Você falou do MST, que eu vejo como a organização mais à altura dos desafios do nosso tempo. Como você avalia isso?

Olha, essa é a única pergunta até agora que certamente eu não vou conseguir responder nos limites que nós temos aqui. Eu estou com a mesma preocupação que você, apenas em termos um pouco diferentes. Eu estou preocupado com a relação entre o Estado e a economia solidária exatamente porque estou no Estado. Vejo meu papel como um papel passivo de apoio; poucas iniciativas. Claro, estamos tendo agora uma iniciativa de tentar criar uma finança solidária, um sistema financeiro para financiar o Economia Solidária. Existem várias formas de fazer isso. A que mais dá esperança são os bancos comunitários, que foi uma invenção numa favela de Fortaleza. Essas são as iniciativas que vêm lá debaixo, que podem ser generalizadas, você tem razão, e aí o partido, ao meu ver, é importante como representante político de tudo isso e, portanto, participa do poder. O partido é para chegar ao poder, mas não para monopolizá-lo, fazer dele uma ditadura; é meramente para representar esses interesses autenticamente, que é mais ou menos o que o Lula faz. Longe de fazer tudo que eu gostaria que ele fizesse, mas algumas coisas ele faz. Então, a mudança se dá, ao meu ver, não por lutas. Digamos, eu desisti da idéia de que é preciso acabar com o capitalismo, eu acho que não dá para acabar com o capitalismo, a não ser quando ninguém mais estiver interessado em desempenhar o papel de patrão e ninguém mais quiser ser assalariado.

O que hoje e no futuro próximo – o único que conseguimos vislumbrar – podemos enxergar é que vai ainda levar muito tempo até que ninguém mais se interesse pelo capitalismo. E você mencionou a barbárie. O que vemos hoje é a barbárie do Bin Laden, do Taliban etc. que são pré-capitalistas, não têm nada a ver com o capitalismo. É resultado de muita coisa que sobrevive – do racismo, de vários tipos de ódio que se eternizam através de vendetas. Eu sou judeu. A coisa entre árabes e palestinos me interessa diretamente, me afeta. É um horror! Os judeus de Israel eram sofisticadíssimos, democráticos; tinha inclusive um setor de economia solidária importantíssimo, que eram os *kibutzim*. Hoje, algo como um terço dos *kibutzim* ainda pratica os seus princípios. Os restantes estão se transformando em conjuntos imobiliários, em que as famílias moram, mas cada pessoa trabalha fora do *kibutz*, geralmente num emprego. Então quando você fala em barbárie, barbaridade, bárbaros eu penso nisso. Existem? Existem, efetivamente existem formas de barbárie, de genocídio que se multiplicam na África sub-equatorial, como você sabe; guerras tribais infundáveis, e no nosso continente, na Colômbia.

Isso para mim é barbárie. E não é de um lado só, é dos dois. No caso específico colombiano, tanto as Farc quanto as anti-Farc são igualmente bárbaras etc.

Quer dizer, não estou achando, como Rosa formulou há muitos anos atrás, em outras circunstâncias históricas, que a alternativa é ou acabar com o capitalismo ou cair na barbárie. Eu acho que o que nós temos, e volto a ser otimista, é a possibilidade de construir um capitalismo democrático, que é uma conquista operária e, nesse espaço, avançar para um socialismo autogestionário.

Danilo – A forma mercadoria permanecerá.

Eu acho que a mercadoria em si não tem problema nenhum. Se você tiver um mercado que é ativamente corrigido para não polarizar riqueza e pobreza, que é o que ele polariza; se você nada fizer, o mercado divide a sociedade em alguns poucos ricos e uma maioria pobre – o que Marx mostrou brilhantemente. Mas a experiência do século XX também mostra que intervenções redistributivas do Estado podem eliminar isso em quase 100%. Você tem países inteiros em que não há pobres; os pobres são minorias, doentes, circunstâncias muito especiais. Eu vejo que o capitalismo vai acabar quando chegarmos a uma situação em que qualquer pessoa que não queira trabalhar para os capitalistas tenha acesso a meios de produção. Aí os poucos que ainda vão querer fazer isso, tem que deixar fazer porque é um direito deles.

Isabel – Posso fazer uma última pergunta? Você poderia sintetizar qual seria a atualidade de Rosa, e o que permanece no pensamento dela para nós, hoje?

Ah, muita coisa. Primeiro é essa coisa que eu acho que aprendi com ela – e não só eu, muitos aprenderam – que é esse profundo respeito pelos outros; pelos camponeses, pelos jovens, pelas mulheres, pelos homossexuais; por todos que são diferentes e conseguem fazer da sua diferença uma bandeira e, com isso, o melhor. O mundo está melhor; 1968 mudou o mundo. É outra coisa hoje e é muito melhor. Rosa dá muitas contribuições, e a primeira é essa, dizer: o que vem lá de baixo no mínimo é interessante e tem potencialidade; respeite, procure entender antes de fazer julgamentos.

A segunda coisa que é importante é a absoluta recusa da ortodoxia. Isso é uma lição!

Eu acho que todos nós contribuimos para melhorar a compreensão da realidade. Nenhuma dessas contribuições é definitiva e nem pode ser. Marx tinha claríssima noção disso quando disse que não era marxista. Ele não estava fazendo *blague*, estava sendo profundamente sincero – era tão contrário a tudo o que apregoeou alguém tornar o pensamento dele uma espécie de doutrina religiosa, infalível! Essa é outra coisa. Eu acho que Rosa continua muito atual, tendo que ser superada também. Essa é a lógica dela, está certo.

Isabel – Muito obrigada.

Danilo – Muito obrigado.

Eu que agradeço a vocês. Eu acho que foi uma conversa muito boa e me ajudou a entender algumas das coisas que estava pensando.

*publicada em: Isabel Loureiro (org.), [Socialismo ou barbárie – Rosa Luxemburgo no Brasil](#), Entrevistas com Paul Singer, Michael Löwy, Angela Mendes de Almeida, Isabel Loureiro, Gilmar Mauro e Paulo Arantes, 2ª edição, São Paulo, Fundação Rosa Luxemburgo, 2009.